

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- SETOR DO LITORAL

TECLA LURDIANE MARTINS

**REFLEXÃO SOBRE A CULTURA CAMPESINA: COMBATE À EXCLUSÃO
SOCIAL PELA LINGUAGEM**

PALMEIRA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- SETOR DO LITORAL

TECLA LURDIANE MARTINS

**REFLEXÃO SOBRE A CULTURA CAMPESINA: COMBATE À EXCLUSÃO
SOCIAL PELA LINGUAGEM**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor do Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: André Essenfelder Borges

PALMEIRA

2014

SUMÁRIO		
1-	INTRODUÇÃO.....	4
2-	OBJETIVOS.....	5
2.1-	OBJETIVO GERAL	5
2.2-	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
3-	REVISÃO DE LITERATURA.....	5
3.1-	EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOVAS POSSIBILIDADES.....	5
4-	METODOLOGIA.....	7
5-	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	9
6-	CONCLUSÃO.....	12
	REFERÊNCIAS.....	12

REFLEXÃO SOBRE A CULTURA CAMPESINA: COMBATE À EXCLUSÃO SOCIAL PELA LINGUAGEM

Tecla Lurdiane Martins

Universidade Federal do Paraná

Este texto objetiva analisar a cultura campesina, de modo a fazer com que o sujeito que vive no campo valorize a identidade cultural que possui e não seja marginalizado, podendo utilizar-se de meios e instrumentos coerentes com cada situação em que se veja envolvido, principalmente quando se trata do uso da linguagem. Apresenta reflexões sobre a Educação do Campo, baseadas em relatos de um trabalho de pesquisa realizado nas aulas de Língua Portuguesa, a partir de entrevistas, produções textuais e seminários de apresentação dos resultados. O estudo destaca a questão do preconceito linguístico existente com o homem do campo, e a função da escola como instrumento de combate à exclusão social. As atividades realizadas contribuíram para um ensino mais efetivo da disciplina de Língua Portuguesa, bem como valorização das comunidades campesinas e consciência da relevância da adequação da linguagem.

Palavras-chave: Educação do Campo; comunidades campesinas; linguagem e preconceito linguístico.

1-INTRODUÇÃO

A Educação do Campo vem conquistando espaço no cenário nacional e assim como a educação em geral enfrenta inúmeras dificuldades, as quais precisam e podem ser superadas: evasão escolar, níveis de aprendizagem deficientes, distorção idade/série, falta de valorização social e financeira dos profissionais da educação, enfim, passamos por um momento de reflexão; e quando pensamos na realidade das escolas do campo esses aspectos tornam-se ainda mais evidentes. Por isso, o desenvolvimento do presente estudo, procurou contribuir para a efetivação da aprendizagem significativa e inserida no meio em que o aluno vive.

Partindo da premissa de que o conhecimento deve ir além de uma mera prática receptiva e que sim, deve ser também produzido pelo aluno, o presente artigo contempla o planejamento de um estudo de pesquisa, levantamento de dados, análise e comparação linguística embasada em teorias sociolinguísticas, no qual foi possível o acesso a causos, ditados populares, vocabulário próprios da comunidade em que vivem os alunos. Devido à complexidade do estudo, o mesmo foi desenvolvido em uma turma da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Cecília Meireles. Na turma estudam vinte alunos, todos moradores de comunidades locais. O colégio está situado na Estrada Principal da comunidade do Butiá, no município de Antonio Olinto, estado do Paraná; que fica cerca de vinte e sete quilômetros distante da sede do município e é o único colégio existente nos arredores.

O trabalho realizado buscou a valorização da cultura campesina e a reflexão sobre a relevância do domínio da linguagem, como meio de defesa e argumentação a ser utilizado na sociedade atual, os alunos refletiram sobre o conceito de língua, linguagem, variações linguísticas e perceberam o quão necessário é saber efetivar a comunicação em cada situação em que assim se fizer necessário.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

- Desenvolver um processo de discussão e resgate cultural, partindo da sociolinguística, por meio da pesquisa-ação crítico-colaborativa, de tal forma que os

educandos reconheçam suas características culturais e as valorizem enquanto parte integrante do contexto no qual estão inseridos e através de diversas metodologias, fazerem uso da cultura letrada, para que possam lutar por sua cidadania de modo igualitário, sem contudo, menosprezar suas raízes culturais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar aos educandos o acesso à pesquisa-ação crítico-colaborativa, como meio de enriquecimento cognitivo;
- Proporcionar a valorização dos saberes campesinos através de atividades de pesquisa sobre os mesmos;
- Ampliar o conhecimento linguístico dos alunos, através de uma análise sociolinguística da língua materna;
- Fazer com que os alunos façam uso da norma padrão da língua sempre que assim se fizer necessário;
- Apresentar as demais turmas o resultado do trabalho de pesquisa, de modo a compartilhar com os demais a produção de conhecimento concretizada.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Educação do Campo: novas possibilidades

A Educação do Campo é marcada pelos movimentos sociais em prol do direito das comunidades em questão terem acesso à educação de qualidade assim como os demais grupos, apesar dos avanços conseguidos em relação à legislação, por exemplo e pelo fato de a educação do campo ter sido incluída como política pública em todo o Brasil, na prática, muitos aspectos precisam ser revistos e melhorados. Quem atua em uma escola do campo sabe exatamente a diferença entre o que está registrado nos papéis e o que se pode fazer na prática. A falta de recursos financeiros é um dos empecilhos, pois por mais que existam boas ideias o capital é necessário para transformar as metas em realidade. Como consta nas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (2006, p. 16): "A escola do campo deve corresponder à necessidade da formação integral dos povos do campo".

Apesar de a agricultura ter conquistado espaço no cenário nacional quanto ao aspecto econômico, as famílias de pequenos agricultores se veem meio aturdidas perante o potencial dos grandes produtores que, na maioria das vezes, nem moram

nas comunidades onde possuem propriedades. E o problema acaba sendo refletido na escola, pois principalmente entre os educandos do ensino médio é comum ouvirem que desejam ir trabalhar na cidade o mais rápido possível ou que não gostam de dizer que moram no interior do município para o pessoal da cidade, sentem-se muitas vezes inferiorizados. E foi partindo desses conflitos que o trabalho de pesquisa encaminhou-se, buscando contribuir e abrir horizontes para aqueles que vivem no campo, possam viver no e do campo de maneira produtiva, sendo capaz de defender seus ideais culturais, cognitivos de forma eficiente e coesa.

Como afirma Caldart (2004, p.151), em relação à educação do campo: "Trata-se de uma educação dos e não para os sujeitos do campo. Feita, sim através de políticas públicas, mas construídas com os próprios sujeitos dos direitos que as exigem". Pois, o campo deve ser visto como um espaço onde seres humanos vivem, trabalham, produzem cultura e interagem. Devido a isso, a educação do campo deve ser cada vez mais democrática, com características plurais e includentes. Combatendo a hierarquia e desníveis existentes entre o campo e a cidade; e a escola deve exercer cada vez mais o seu papel, enquanto lugar de acesso ao conhecimento e saberes, que agem na formação do indivíduo, e aí reside a necessidade de que os educandos sejam sujeitos críticos, que dominem a norma padrão da língua. Como diz Antunes (2003, p. 36): "Muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino da língua cada vez mais útil e contextualmente significativo".

Levando em consideração o conteúdo estruturante de Língua Portuguesa: Discurso como prática social, as atividades encaminhadas fundamentaram-se também no que está explícito nas Diretrizes Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa (2008, p. 66): "A norma padrão, além de variante de prestígio social e de uso das classes dominantes, é fator de agregação social e pode-se fazer na prática, a falta cultural e, portanto, é direito de todos os cidadãos."

Pensando na língua como forma de expressão e interação social, objetivou-se trabalhar com os alunos questões relacionadas à sua própria vivência, com a consciência de que as particularidades individuais precisam ser consideradas. E assim, como há alunos que se relacionam muito bem com avós, tem facilidade em ir em busca de materiais, fotos, há aqueles que não. E foi respeitando essas limitações, que as atividades se encaminharam. Primeiramente iniciamos o estudo

dos conceitos de língua, linguagem, códigos, e variantes linguísticas, tipos de linguagem. Baseadas no uso de dicionários, pesquisa em livros de Língua Portuguesa e no livro didático Português: linguagens, da 1ª série do Ensino Médio. Na sequência, construímos o esquema para a entrevista, que foi realizada com moradores das comunidades e serviram para que os alunos conhecessem melhor as características sociais, culturais, econômicas de sua comunidade, com foco na análise da linguagem utilizada por seus moradores.

Em seguida, produziram um relatório após observações e anotações feitas na família: expressões, frases mais comuns, linguagem coloquial e formal utilizadas. No último momento, confeccionaram cartazes (painel), onde colocaram as fotos, um desenho de fundo ilustrando algo marcante na comunidade e um poema sobre a mesma. Organizaram as informações coletadas e apresentaram os resultados obtidos, primeiramente em um seminário na sala de aula e depois, com a visita e explicação do mesmo para as demais turmas do colégio.

As demais turmas observaram e reconheceram nas fotos, na explanação dos colegas aspectos relevantes da comunidade, como a origem do nome: Campina Vermelha, devido à região serem de planícies, com a terra vermelha. Água Vermelha, pela presença de um importante rio cuja terra tem aspecto vermelho. Butiá devido a presença das árvores de butiá (espécie da família das palmeiras, que dá um fruto pequeno, oval e amarelado. Lavador, porque era comum porcos-donatos se banharem no ribeirão presente na comunidade, onde alguns dizem também que era comum as mulheres da comunidade lavarem roupas no rio. Enfim, curiosidade, informações que eram desconhecidas por muitos e que puderam ser compartilhadas; além de servirem de estímulo à oralidade e adequação da linguagem.

4 METODOLOGIA

Fazendo uso de entrevistas, análise da linguagem oral, registro escrito das informações obtidas, coleta de fotos das comunidades e posterior confecção de cartazes aos alunos foi oportunizado a contextualização do conteúdo língua e variantes linguísticas, à realidade dos alunos provenientes das comunidades: Butiá, Lavador, Água Vermelha e Campina Vermelha. Através do resgate de elementos culturais do campo, foi possível estabelecer relações dialógicas, históricas com a

linguagem utilizada por muitos moradores do campo, a visão que muitas pessoas que vivem na área urbana possuem de quem aqui vive e de seus hábitos, de modo a fazer com que o educando aprenda a utilizar as competências comunicativas fazendo as adequações de acordo com a situação em que esteja envolvido, pois quem vive no campo tem a mesma capacidade de quem vive na cidade de realizar explicações, produzir bons textos, enfim dominar a norma padrão e respeitar as diversas variações linguísticas existentes no espaço onde vive.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004,p.33):“ Essas crenças sobre superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira.” E é contra esses mitos depreciativos que devemos lutar. Acrescenta ainda a autora que “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.”

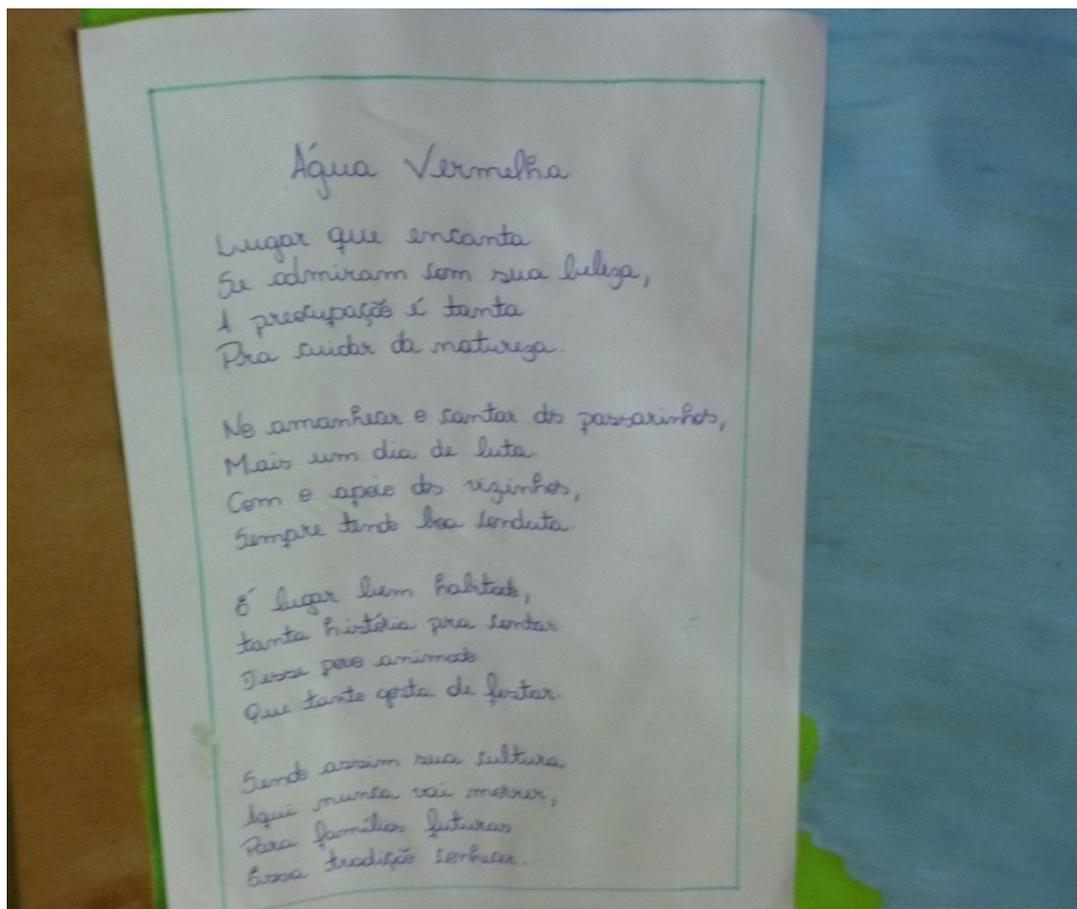
Por isso, o trabalho foi um paralelo entre o conteúdo próprio da 1ª série do Ensino Médio, que é o estudo da língua: língua/ linguagem, dialetos, variantes linguísticas, códigos e a realidade dos alunos. As atividades foram construídas com muito diálogo, troca de ideias e experiências.

Pensando assim, a escola deve ser cada vez mais um espaço de interação entre o saber popular e conhecimento científico, por isso não basta trabalharmos os conteúdos que constam no currículo, faz-se necessário que a identidade cultural de nossos alunos seja respeitada e sirva de base para que os mesmos se tornem adultos atuantes, melhoradores do espaço onde moram. De acordo com Carlos (2012, p. 4), ao falar sobre a obra “A invenção da cultura”, do antropólogo Roy Wagner “Tomadas em conjunto, as relações existentes entre as diferentes motivações, e suas respectivas atuações no comportamento, no pensamento e na ação de todos sujeitos de uma realidade dada, revelaria aquilo que Wagner denomina *contexto simbólico*.” Ou seja, todo grupo, comunidade possui um contexto, no qual relações, costumes, saberes são produzidos e fazem parte da identidade cultural; tal que merecem ser respeitados e compreendidos. Mais uma vez, a escola deve assumir o seu papel de formadora e buscar o combate constante a todo e qualquer tipo de exclusão, discriminação, no nosso caso, linguística.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

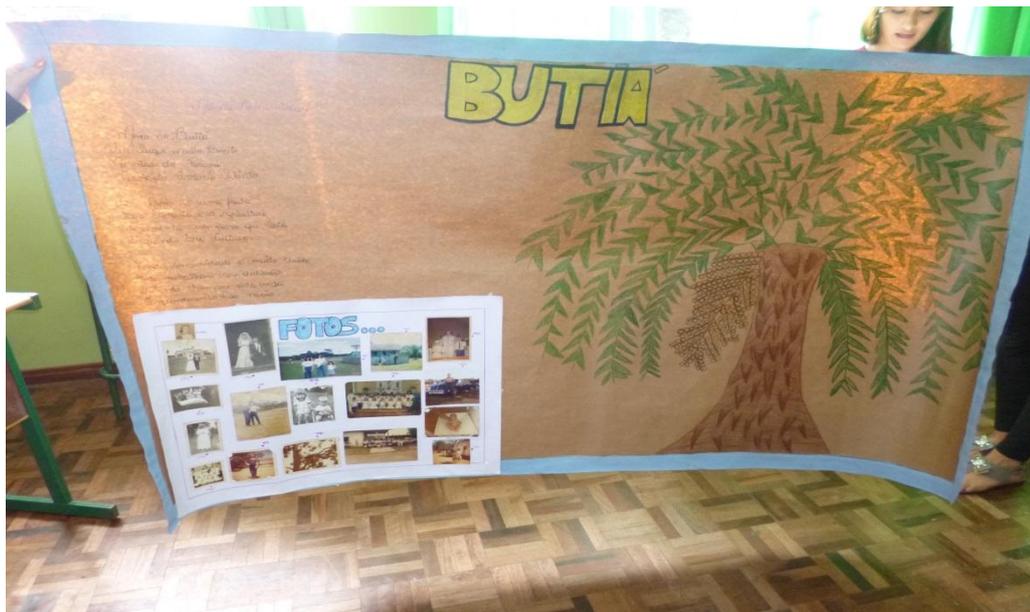
Já atuo em um Colégio do Campo, portanto tenho a real consciência de que adaptações devem ser realizadas constantemente. Para Antunes (2003, p. 171): "O professor de português precisa ter a competência suficiente que lhe confira a autonomia necessária à condução do seu trabalho." Por isso, em meu trabalho está implícito o desejo de contribuir para uma aprendizagem significativa, buscando compreender o cotidiano do educando, suas ocupações e responsabilidades fora da escola; preocupação que vai desde o planejamento das aulas, até a escolha de atividades de casa e pesquisa; pois a maior parte dos educandos ajuda os pais nos afazeres domésticos e na lavoura, cuida dos animais e, poucos têm acesso a outros livros além dos didáticos utilizados na sala de aula, assim como o acesso à internet é precário ou inexistente.

Por isso, as atividades trabalhadas: leitura dos conceitos de língua, linguagem e variantes linguísticas, entrevista com moradores mais antigos da comunidade, relato escrito exemplificando a linguagem utilizada por familiares, descrição oral das fotos na comunidade, produção coletiva de um poema e montagem dos cartazes para o seminário na sala de aula e exposição/ explicação para as outras turmas, apresentaram resultados positivos, visto que os educandos aliaram os conteúdos específicos da disciplina de Língua Portuguesa às características próprias de suas vivências cotidianas. A partir de leituras diferenciaram: língua, linguagem, perceberam o locutor, locutário: os interlocutores no texto, tanto no contexto oral quanto verbal. Foram em busca de dados sobre sua comunidade, como surgiu, os primeiros moradores, religião, festas mais comuns, evolução e mudanças ao longo do tempo. Coletaram fotos de familiares para ilustrar esse aspecto, bem como tendo como tema a comunidade produziram um poema sobre a mesma, citando aspectos aparentes de cada uma delas. O poema foi produzido em grupo, e juntos representaram com alguns versos alguns traços de onde vivem.



Poema coletivo produzido por alunos que residem na comunidade de Água Vermelha-Antonio Olinto.

As fotos ilustravam momentos em família como festa na igreja, primeira comunhão, noivos vestidos para o casamento. Estas serviram também para que os educandos percebessem mudanças no vestuário, na paisagem, no comportamento das pessoas, viram aspectos que até então não tinham sido alvo de reflexão, como o número de filhos, pois as famílias eram mais numerosas; a dificuldade de avós e até pais chegarem até a escola; tipos de construções; rapazes se exibindo em cavalos empinados (hoje, de acordo com os alunos, os rapazes fazem manobras arrojadas com motos).Observando as fotografias, as mudanças ocorridas na sociedade local são bem mais perceptíveis e, possibilitam uma reflexão ampla sobre a vida de ontem e hoje na comunidade.



Cartaz de fotos trazidas por alunos da comunidade de Butiá - Antonio Olinto-PR

Além disso, analisaram a linguagem utilizada com os familiares e vizinhos, e concluíram que predomina a linguagem coloquial, onde ocorre muitas vezes um vocabulário que passa a não ser compreendido em outras situações mais formais, deixando seus usuários constrangidos e mal interpretados. Foram muitas as exemplificações de situações em que seus familiares se sentiram inferiorizados devido a linguagem utilizada; "Faiz favor de tirá um xerox pra mim, são três foias", ao entrar em uma papelaria e solicitar três cópias de um documento." Por exemplo "bassorra" é o termo utilizado para designar "vassoura", "tchamanhã" para "até amanhã".

Nos relatos feitos em casa a partir das observações dos falares familiares, os educandos concluíram que em casa apesar de dizerem: "Já vô buscá feijão no paió" para se responder o pedido de sua mãe, quando ela diz: "Vá buscar feijão no paiol", "Já coloquei o trabessero no sol" para "Já coloquei o travesseiro no sol", "Não vô pelo carrero, vorto por aqui mesmo" para "Não vou pelo carreiro, volto por aqui mesmo", devem fazer adequações ao vocabulário, pronúncia utilizada de acordo com o contexto e situação em que se encontram, pois muitas vezes precisam fazer uso de uma linguagem padrão, não como superior à coloquial, mas como adequada ao momento.

5 CONCLUSÃO

Quando se pensa em Educação do Campo, muitos educadores acham que os alunos são tímidos, quietos, pouco participativos, quando não retrógrados. Pensam que só sabem “falar errado”, e há aqueles que pensam que o personagem Jeca Tatu, do escritor Monteiro Lobato exemplifica esse povo. Mas, o que desconhecem é a riqueza cultural que existe nas comunidades campestres, além do ar mais puro, vegetação diversificada, belas paisagens, muitas tradições ainda permanecem entre as famílias, como relatou uma educanda da comunidade de Água Vermelha ao falar sobre a “Galinhada”, típico jantar realizado entre seus familiares à base de carne de galinha.

E, durante a realização dos trabalhos foi muito interessante perceber o envolvimento dos educandos e o valor da contribuição de cada um para o trabalho. Realmente é possível trabalhar de forma contextualizada, abordando os conteúdos específicos de uma disciplina como Língua Portuguesa à vivência do educando, desde que o professor acredite em seu trabalho e valorize as características culturais do mesmo, objetivando sempre a formação integral do indivíduo sem jamais reforçar os estereótipos que a mídia, e a própria história em si procuram mostrar como certos.

As variantes linguísticas existem, precisam ser mais conhecidas, contudo é direito de todo educando o acesso à língua padrão como meio de expressão e instrumento de luta e defesa de seus direitos enquanto cidadão.

Como diz Antunes (2007, p. 45) "Todo falante, para ser eficaz precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário usar (vocabulário técnico, especializado, literal, coloquial)." Por isso, a relevância do ensino consciente de Língua Portuguesa na educação do campo. Basta de marginalização do povo do campo e está na educação o principal meio de disseminação da cidadania, respeito à diversidade, incentivo à pesquisa e, conseqüentemente, a possibilidade de construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARLOS, Daniel Pícaro. **WAGNER, Roy. A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010. 256 p.

CEREJA, William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. **Português: linguagens.** Volume I. 7.ed.reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa.** Curitiba, PR: 2008.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Educação do Campo.** Curitiba,PR: 2006.